

LEITURA DE IMAGENS E PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Helena Maria Ferreira¹

Introdução

Com a disseminação dos suportes digitais, constatamos que novas demandas de leitura são impostas, pois novos gêneros textuais passam a circular no meio social. Essas questões ampliam as exigências para o ensino de língua portuguesa, que deve contemplar o trabalho com textos multissemióticos. Nesse contexto, os textos se alteram em seus formatos e em suas formas de apresentação, exigindo do leitor, novas habilidades leitoras que possibilitem a compreensão do texto e de suas multiplicidades de recursos. Essas novas configurações convocam novos letramentos, uma vez que contemplam usos sociais da linguagem que configuram os enunciados/textos em sua multissemiose ou multimodalidade. No entanto, podemos assegurar que a leitura de textos imagéticos ainda carece de uma abordagem pedagógica que considere o valor dos elementos constitutivos das imagens. (KRESS, 2010; ROJO, 2009, 2012; TAKAKI, 2012, XAVIER, 2005). A conjugação de recursos multissemióticos demanda uma proposta de leitura que pode favorecer a percepção dos papéis assumidos pelos elementos constitutivos do texto. Nesse sentido, os princípios da Gramática do Design Visual (GDV), desenvolvida por Kress e Van Leeuwen (2006) e seus seguidores podem favorecer a elaboração de uma proposta de leitura de textos imagéticos, de modo a contemplar as dimensões linguísticas, discursivas e composicionais.

E é nessa direção que empreendemos nossa discussão: apresentar, de forma resumida, os fundamentos de uma abordagem pedagógica dos multiletramentos e a aplicabilidade da GDV como ferramenta analítica para a leitura sistemática de textos visuais. Além da explanação teórica, o trabalho apresenta uma análise de uma campanha educativa – voltada para a educação no trânsito, com vistas a ilustrar como a GDV pode subsidiar as práticas de leitura de textos imagéticos.

Os multiletramentos e a Gramática do Design Visual

Com a socialização das pesquisas linguísticas de cunho interacionista, constatamos avanços substanciais nas propostas de ensino de língua portuguesa, uma vez que, a partir das discussões teóricas e metodológicas advindas dessa linha de estudo, foi possível a implementação de pedagogias linguísticas pautadas na diversidade de gêneros textuais/discursivos, na adoção de práticas de ensino que enfocam os usos públicos da linguagem em uma abordagem contextualizada. Entre esses avanços, podemos considerar que a perspectiva dos multiletramentos tem permitido uma reconfiguração didático-pedagógica do processo de ensino-aprendizagem.

Discorrendo sobre essa questão, Kress e van Leeuwen (2006) apontam a necessidade de práticas pedagógicas que incitem o aperfeiçoamento das habilidades de questionar, interpretar e criticar os recursos multissemióticos. Para os autores, a multimodalidade contempla um texto na inter-relação entre seus diferentes elementos constituintes. Assim, o empoderamento semiótico depende da compreensão das diferentes semioses presentes em cada gênero e deve partir dos seguintes pressupostos: a) as imagens visuais podem ser lidas como um texto; b) a multiplicidade de significados dos textos multimodais deve estar pautada nos seus contextos sociais; c) as imagens visuais, como a linguagem e todos os modos semióticos, são socialmente

¹ Doutora em Linguística pela PUC/SP, professora adjunta na Universidade Federal de Lavras. *E-mail:* helenaferreira@dch.ufla.br.

construídas. Para Santos e Souza (2008, p. 4), “as imagens nunca devem ser encaradas de maneira inocente e devem ser sempre analisadas considerando-se sua dimensão sócio-ideológica”.

Nesse contexto, Kress e van Leeuwen (2006) propõem uma perspectiva de análise sistemática dos elementos visuais dos textos multimodais, denominada por Gramática do Design Visual, que descreve a forma pela qual indivíduos, coisas e lugares são combinados em uma totalidade constitutiva de sentido. Essa abordagem ajuda a desmistificar uma percepção generalizada de imagens e composições visuais como meios de entretenimento desprovidos de significados ideológicos. Os autores elencam três metafunções: representacionais, interacionais e composicionais, que atuam, simultaneamente, nos textos imagéticos, construindo padrões de experiência, interação social e posições ideológicas a partir das escolhas relacionadas à realidade representada, à visão de mundo apresentada, ao tipo de proximidade estabelecido entre os participantes da imagem e o leitor, às formas de construção dos participantes, às cores e texturas da imagem, aos gestos, às vestimentas, às expressões faciais constituintes da organização da imagem etc.

Para Kress e van Leeuwen (2006), a metafunção representacional relaciona-se às potencialidades do sistema semiótico em representar objetos, ou participantes, e sua relação com o mundo. Nessa direção, é possível reconhecer dois tipos de participantes envolvidos na composição semiótica: 1) participante interativo: pessoas reais – que produzem ou que consomem as mensagens –, 2) participantes representados: pessoas e objetos representados na imagem.

A metafunção interacional (ou interpessoal) relaciona-se às interações estabelecidas entre os participantes interativos (produtor da imagem e seu observador) e participantes representados. Segundo Kress e van Leeuwen (2006), essas representações podem ser efetivadas por meio dos seguintes mecanismos: olhar (interação com o leitor), enquadramento (relação imaginária de maior ou menor distanciamento), perspectiva (ângulo ou ponto de vista em que os participantes são representados) e modalidade (realidade que determina credibilidade das mensagens)

No que tange à metafunção composicional, Kress e Van Leeuwen (2006) consideram que, na linguagem visual é constituída pela posição dos elementos que compõem a imagem: valor da informação (posição ocupada pelos elementos dentro da imagem); saliência (destaques e acentuações: efeitos de cores, tamanho e contrastes, localização no primeiro plano, moldura distintiva e profundidade de foco); enquadramento (conecta ou desconecta os elementos de uma imagem, indicando se pertencem ou não à informação central).

Os padrões representacionais, interativos e composicionais apresentados são constitutivos das composições visuais e oferecem possibilidades para o encaminhamento do processo de leitura, e, conseqüentemente, para o aperfeiçoamento das habilidades de leituras das imagens que constituem dos diversos gêneros que circulam na sociedade informação, em que as interações realizadas em ambientes digitais têm se ampliado de forma exponencial.

Análise da campanha educativa

Para ilustrar a pesquisa, foi construída uma proposta de exploração de uma campanha educativa governamental. Essa proposta utilizou como arcabouço teórico-metodológico a Gramática do Design Visual, tal como concebida por Kress e van Leeuwen (2006). A análise foi realizada levando-se em conta as metafunções constitutivas dos textos não verbais. Como categorias de análise foram eleitos apenas os elementos presentes na campanha analisada, segundo os significados: representacionais, interacionais e composicionais, em suas subdivisões.



Figura 1: Campanha Trânsito. Fonte: <<http://www.detran.pi.gov.br/2013/04/16/campanha-alerta-sobre-uso-correto-da-motocicleta/>>.

O encaminhamento de uma proposta de leitura de imagens deve considerar a articulação entre recursos verbais e recursos não verbais. Nessa direção, palavras, cores, objetos representados, disposição gráfica, intencionalidades devem ser observadas. Tomando como referência a teoria de Kress e van Leeuwen (2006), iremos discorrer acerca de cada metafunção:

- a. metafunção representacional: contempla a questão dos participantes interativos (PI) e participantes representados (PR). Constatamos que os PI se apresentam representados de duas formas: produtor da mensagem (Governo Federal – Ministério das Cidades e Denatran) e consumidores da mensagem - receptores (público em geral), que apresentam diferentes graus de envolvimento: motociclistas (maior grau de envolvimento => público direto) e pessoas em geral (menor grau de envolvimento => público indireto). Os participantes representados (PR), por sua vez, são personagens ou sujeitos, ou seja, as pessoas, lugares e coisas dos quais se fala, no caso em questão, temos o motociclista acidentado (representado por uma perna humana), dispositivo de fixador externo (objeto de metal) e a moto danificada. Esses participantes emprestam contribuições substanciais para a construção da cena de um acidente e favorecem a construção dos sentidos propostos pela campanha. Assim, a interação entre os elementos se efetiva por meio da articulação entre uma proposta do governo (conscientização), que mobiliza participantes (motociclista da imagem e a motocicleta), com vistas a atuar sob os consumidores alvos da campanha

- (leitores). Os participantes (moto e perna) estão articulados com o texto verbal: “tempo de conserto: 3 dias” e “tempo de recuperação: 3 anos”.
- b. metafunção interacional: contempla a distância entre os participantes (interativos e representados). No contexto analisado, não temos a representação direta de um participante (apenas parte da perna), assim, o enquadramento apresenta um participante estranho (não próximo ao leitor), mas que mobiliza a atenção do público por apelar para o lado sensorial. Aqui, as imagens da perna e da moto (em posição frontal) denotam envolvimento e revelam uma incitação à ação. Temos, assim, uma imagem objetiva que mostra o participante representado da forma como ele é, realisticamente. Essa visão realística pode ser comprovada por meio da representação de objetos reais, de uso de cores, dos ferimentos no motociclista e nos danos na motocicleta, o que imprime credibilidade à mensagem e provoca um apelo emocional. Essa interação é mediada pela linguagem verbal. O fragmento é apelativo: “A imprudência cobra um preço alto. Dê valor à vida.”, pois evidencia o efeito da imprudência e incita uma mudança de comportamento a partir do uso do imperativo. Além disso, o fragmento subsequente “Moto. É preciso saber usar. É preciso respeitar.” Apresenta uma linguagem objetiva, constituída pela frase nominal (Moto.) e por estruturas paralelísticas (é preciso”) e por verbos de ação.
- c. metafunção composicional: contempla aspectos relacionados ao layout do texto. Na organização, podemos destacar o fundo branco, que realça os elementos representados. No que diz respeito ao valor da informação, a imagem em pauta se circunscreve no critério da polarização, pois as posições marginais são evidenciadas na constituição da campanha. Os elementos são distribuídos em dois lados. A relação dado/novo incide sobre a importância dos elementos: do lado esquerdo, a moto está em destaque (que se apresenta como elemento de menor importância); do lado direito, encontra-se uma “perna imobilizada” do motociclista, (que se apresenta como elemento indispensável para a mobilização prevista pela campanha). No que diz respeito à noção de ideal/real, destacamos, na parte superior, a presença do texto referente ao tempo de conserto da moto (do lado esquerdo) e, na inferior, a presença do texto referente ao tempo de recuperação do motociclista. Essas posições revelam que a realidade de recuperação é mais complicada, já que a posição inferior indicia uma informação mais concreta, objetiva, ligada ao mundo real. Já na saliência, observamos que os efeitos do tamanho, cores e localização no primeiro plano demonstram o sentido global da campanha. O enquadramento explicita a conexão entre elementos da imagem, indicando uma associação semântica entre as partes (moto, perna, imobilizador, etc) que constituem a composição visual. Destacamos, ainda, a divisão, por cores (branca, preta e amarela) e por linhas demarcatórias, evidenciando uma conexão entre os elementos de modo colaborativo para a constituição dos sentidos.

Como pudemos observar, os elementos constitutivos da campanha são definidores no processo de produção de sentidos e devem ser levados em consideração no encaminhamento de uma proposta de leitura em sala de aula, com vistas à formação de leitores proficientes e críticos.

Considerações finais

Ao longo do nosso texto, intentamos provocar uma reflexão sobre o fenômeno da multissemiose constitutiva dos textos imagéticos, e, de modo mais específico, discutir sobre a formação do leitor para o aperfeiçoamento de habilidades necessárias para o enfrentamento de várias situações de leitura, nas quais estão implicados os multiletramentos. Buscamos, ainda, apresentar os princípios basilares da teoria proposta por Kress e Van Leeuwen, intitulada de

Gramática do Design Visual, que incorpora a discussão sobre as metafunções presentes nos textos imagéticos. Por fim, apresentamos os resultados de uma análise de uma campanha educativa, constituída predominantemente por uma imagem visual, em que se buscou explorar os elementos constitutivos, seus posicionamentos e suas funções para o processo de produção dos sentidos. Por meio da análise empreendida, foi possível constatar que uma proposta de leitura em sala de aula poderá contemplar aspectos presentes nas metafunções expostas, observando-se os conhecimentos prévios dos alunos e as suas capacidades de aprendizagem.

Nessa perspectiva, surge a necessidade de novas incursões sobre as imagens para um dimensionamento das questões culturais, estéticas, científicas, técnicas, artísticas integrantes dos textos multissemióticos, de modo a minimizar leituras realizadas de modo intuitivo ou ingênuo.

Referências

KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to communication*. London & New York: Routledge, 2010.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 5. ed. London and New York: Routledge, 2006.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

PIMENTA, S. M. de O.; MAIA, D. G. Multimodalidade e letramento: análise da propaganda Carrossel. *Desenredo*, v. 10, p. 12-20, 2014.

ROJO, R. O letramento escolar e os textos da divulgação científica – a apropriação dos gêneros de discurso na escola. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 8, n. 3, p. 581-612, 2008.

_____. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, R.; MOURA, E *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTOS, F. R. da S.; SOUZA, M. Aspectos multimodais em editoriais da Veja. In: Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, II, set. 2008, Recife. *Anais*. Recife: NEHTE-UFPE, 2008, p. 1-16.

TAKAKI, N. H. *Letramentos na Sociedade Digital: navegar é e não é preciso*. São Paulo: Paco Editorial, 2012.

VAN LEEUWEN, T. *Introducing Social Semiotics*. New York: Routledge, 2006.

XAVIER, A. C. Letramento digital e ensino. In: FERRAZ, C. & MENDONÇA, M. *Alfabetização e letramento: conceitos e relações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.